

## GÊNESE DO AMOR

Nei Calvano\*

*Com efeito, não se trata, como nas outras paixões humanas, de uma desgraça, ou de uma vantagem individual, mas da existência e da constituição especial da humanidade futura: a vontade individual atinge, neste caso, o seu mais alto poder, transforma-se em vontade da espécie (Schopenhauer, s/d, p.26)*

### Resumo

*Este artigo é a tentativa de recorrer aos estudos de natureza biológico-evolucionária para a compreensão da gênese do amor, da existência de uma herança biológica, por acreditarmos que também somos produto de um longo processo de evolução. Podem assim emergir inúmeras reflexões, discussões e dimensões sobre o que é inato e aprendido; desta forma, é possível refletir, com a mesma intensidade, sobre as teorias relacionadas às emoções, para nós, especificamente, a emoção do amor.*

### Abstract

*This paper is an attempt to draw on biological-evolutionary nature studies so that we can understand the genesis of love, a biological heritage existence, because we believe that we are the outcome of a long evolutionary process. It allows us to have many reflections, debates and dimensions concerning what is innate and learned, thinking that way with the same intensity in theories of emotions, which are for us specifically the loving emotion.*

A natureza e a origem deste fenômeno considerado universal são amplas. Está como criação de Deus, assim como na linguagem da ciência. Aqui, consideramos o amor como um comportamento emocional.

Acreditamos que, para compreender o estudo desta emoção amorosa, devemos começar com a sua gênese. Gênese, considerada aqui como uma série de fatos e causas que concorreram para o surgimento desta emoção no homem. Logo, recorreremos a alguns estudos de natureza biológico-evolucionária para compreendermos melhor esta gênese, ou seja, nossa herança biológica, pois acreditamos que somos produto de um longo processo da evolução.

O estudo do amor conduzido pelos psicólogos de certa forma é extremamente recente.

Fato é que Harlow, em seu discurso ao assumir a presidência da American Psychological Association, em 1958, falou: *“os psicólogos têm falhado em sua missão. O pouco que nós sabemos sobre o amor não transcende a simples observações, e o pouco que nós escrevemos tem sido melhor escrito pelos poetas e romancistas”*.

Os trabalhos teóricos, até então, se limitavam a contribuições de Freud, *“Pulsiones y destinos de pulsión”* (1915)<sup>1</sup>, Bowlby, com sua trilogia, *“Apego, Separação e Perda”* (1984), e Harlow (1958), com o artigo intitulado, *“A Natureza do Amor”*. Apesar de suas distintas concepções teóricas, há nesses trabalhos um ponto em comum. Todos admitem que este sentimento tem origem na formação de vínculo en-

\* Doutor em Psicologia. Coordenador do Curso de Psicologia da Faculdade Estácio de Sá Méier.

<sup>1</sup>O texto escrito por Freud foi traduzido inicialmente por *Instintos e suas Vicissitudes*, entretanto sofreu várias críticas, tendo em vista, que não refletia exatamente o conceito proposto por ele, pois em alemão não se refere a *INSTINKT*, e sim a *TRIEB*, hoje traduzido como *PULSÃO*.

tre pais e filhos, como protótipo de todas as relações amorosas. A relação amorosa desenvolvida nesta fase tenra da infância teria relevância no futuro emocional dos adultos. Demonstram que, na relação da criança com a mãe, a primeira reação de afeto é mais do que o prazer que a criança tem ao estar com a mãe e de interagir com esta, legitimando assim uma genuína relação humana.

Para uma maior compreensão sobre as primeiras reações de afeto no homem, admite-se que não há maiores explicitações sobre a origem do sentimento de amor, na literatura psicológica. Sentimos a necessidade de fazermos incursões a alguns trabalhos de etnólogos, antropólogos, psicobiologistas e etólogos para podermos afirmar e confirmar nossa perspectiva de que esse vínculo é de natureza universal e não um fenômeno local ou histórico, como afirma Rougemont (1988), quando refere-se ao amor cortês como um produto do século XIII. Para nós há fortes evidências que o amor, a formação de um vínculo especial entre um homem e uma mulher, existe desde períodos remotos, pois foi através deste vínculo que se mantiveram as condições favoráveis para que a nossa espécie tivesse êxito na evolução. Portanto, para analisar o estudo da emoção amorosa, iremos examinar as sociedades primitivas, os caçadores, e as evidências de alguns paleontólogos e arqueólogos sobre a vida de nossos ancestrais. Sentimos essa necessidade, pois só com esse tipo de exame é que nos daríamos por satisfeitos em compreender o que pode se considerar como gênese.

O surgimento das atividades de caça-coleta foi provavelmente o período que se apresenta com a característica estável e permanente em nossa evolução biológica desde o Homo Erectus ao Homo Sapiens e, como conseqüência, ao homem moderno. Leakey (1981) afirma que, *"dada a importância da caça-coleta durante milhões de gerações de nossos ancestrais, este estilo de vida pode muito bem ser parte indelével do que nos fez humanos"* (p. 97). Infere-se que alguma forma de organização social existia, pois há registros de que essas atividades se centravam em moradias-base, formando pequenas comunidades<sup>2</sup>. Nessas comunidades, os arranjos sociais incluíam formas de casamento e família, formas essas que não possuíam o mesmo sentido que as atuais instituições. Entendia-se por comunidade lugares primários onde pequenos grupos de adultos e crianças se reuniam para comer e dormir, havendo um padrão de vida rígido por uma formação biológica, que ressaltava na proteção das crianças, o que desenvolveu a tendência de manter os pequenos grupos unidos por um período de vários anos. Evidencia-se desta maneira uma forma de vínculo estabelecida entre homens e mulheres, indicando alguma forma de preferência sexual para que houvesse a formação do vínculo e assim a garantia da reprodução.

Sobre esta preferência<sup>3</sup> de um macho por uma fêmea em particular, e vice-versa, devemos nos remeter aos estudos desenvolvidos com macacos, assim como a espécies relativamente promíscuas, como os chimpanzés, que formam até haréns, sendo que alguns permane-

---

<sup>2</sup> *A propriedade era comunitária, onde mulheres e homens viviam em grupos matrilineares, isto é, a linhagem de uma família era traçada a partir da linha materna, e não em famílias nucleares encabeçadas por homens. Nesses grupos, a paternidade possuía pouca importância, praticava-se comumente o divórcio e o adultério e as mulheres recolhiam tantos alimentos quantos os homens, além de serem responsáveis pela administração familiar.*

<sup>3</sup> *Diz respeito à diversidade de investimento entre homens e mulheres, denominado de investimento parental, que é a contribuição que o homem ou a mulher fazem para o sucesso reprodutivo de seus descendentes. O investimento que a mulher faz é maior por ser ela que traz consigo o feto e também pela própria determinação biológica, que faz com que ela possua um número de óvulos pré-determinado desde o nascimento, o que as leva a serem mais seletivas. Já os homens têm a possibilidade de produzirem o seu material reprodutivo durante um maior espaço de tempo e por isso apresentam-se mais ansiosos e menos discriminatórios. Devido à pouca discriminação masculina, a mulher assume o papel da escolha e sedução.*

cem juntos por meses e até anos, independente do ciclo estrual<sup>4</sup>. Logo, estabelecem um laço especial entre machos e fêmeas de modo particular, caracterizando-se uma possível existência de vínculo. Isso pode ser explicado pela hipótese de que os macacos possuem um potencial genético para formar preferências individuais e, talvez, em desenvolver laços macho-fêmea em situações particularmente vantajosas, e que tal potencial possa fazer parte de uma herança genética dos hominídeos.

Um outro aspecto a ser levado em conta no período de caça e coleta é o que diz respeito aos hábitos alimentares, no sentido dos indivíduos compartilharem os alimentos.

Alguns antropólogos apresentam como fator de convivência o interesse econômico nas comunidades de base, como assinala Isaac (1976):

“A coleta de carne, particularmente quando envolve a caça ativa, conduz os indivíduos para mais longe em campo aberto do que a coleta de vegetais. Na busca de carne também existe a possibilidade de perigo físico. De modo que faz sentido as mulheres, estorvadas por filhos pequenos, irem em busca de forragem e alimentos vegetais, deixando a carne para os homens. O contrato de economia mista de subsistência seria portanto, essencialmente entre homens e mulheres no interior de um

grupo social. Esta divisão de trabalhos entre os sexos é, de fato, observada na maioria das comunidades modernas de caçadores coletores” (p. 95).<sup>5</sup>

Enquanto algumas espécies de mamíferos, tais como os primatas, possuem determinados programas rígidos de comportamento, quanto a caça e hábitos alimentares, os protohumanos pareciam possuir uma certa flexibilidade neste comportamento, não seguindo nenhum padrão rígido. Eles carregavam sua caça nos ombros, por uma longa distância, para reparti-la com os outros de sua comunidade, fundamentalmente porque queriam, o que denotava algum sentimento de ligação, vínculo com as fêmeas e crianças de sua comunidade. Mellen (1981) sugere que tal força motivacional é provida por um grande recurso mamífero de emoções, mais especificamente, e que parte deste vasto recurso era canalizado para um potencial afetivo que os antigos hominídeos possuíam em comum com alguns outros primatas e que iria ser desenvolvido posteriormente. Portanto, as tendências inatas deste tipo são transmitidas geneticamente pelos machos adultos para seus próprios filhos; são também transmitidas através de uma seleção de parentes, já que muitos dos protohumanos compartilhavam uma comunidade em particular, estando relacionados uns com os outros por

<sup>4</sup>Período biologicamente determinado na fêmea, em que esta se apresenta receptiva ao macho para iniciar o intercuro sexual, com fins reprodutivos.

<sup>5</sup> Nesse tipo de grupo familiar pode-se notar uma clara influência do matriarcado na sua estrutura, e esse assunto é, até hoje, tratado com certo cuidado, pois, apesar da pouca evidência de sua ausência ou de sua presença, tal conceito é defendido por muitos estudiosos contemporâneos, que tomam por base a sobrevivência das deusas gregas e romanas, as misteriosas figuras femininas do folclore europeu, dos contos de fadas e dos desenhos de figuras semelhantes a deusas que existem nas cerâmicas e nos afrescos antigos. Gimbutas in Fisher (1995) postula que na Europa de sete mil anos atrás existiam sociedades matriarcais, e que esses povos foram então dominados por saqueadores provenientes das estepes russas que traziam com eles costumes de linhagens patrilineares e regras patriarcais.

Assim, apesar da divisão do trabalho, as mulheres possuíam algum destaque na sociedade, pois, por serem responsáveis pela parte da coleta, faziam a maior parte do trabalho. As mulheres permaneciam nas aldeias, cuidando das crianças, cozinhando e coletando raízes e frutos em locais próximos, de modo que seus filhos continuassem sempre por perto.

Contudo, com o surgimento do arado e a criação de animais, houve uma grande modificação nas relações entre homens e mulheres, modificações que vieram a dar origem a outras nos padrões humanos de sexo e amor. Isso se deu devido ao fato de que tornou-se necessária uma força muito maior do que a que as mulheres dispunham para puxar o arado, fazendo com que a maior parte do trabalho passasse a ser uma tarefa masculina, acarretando a perda do antigo e privilegiado papel de coletoras. Com o passar do tempo, os homens tornaram-se proprietários de bens valiosos - a terra e os animais - e utilizaram este poder econômico para instituir a patrilinearidade e, posteriormente, o patriarcado.

meio de vários laços de parentesco.

No que concerne à sexualidade, há uma grande probabilidade de que, nos machos, os sintomas de afeição que se desenvolveram primeiro foram aqueles de atração por uma fêmea adulta, porque o impulso sexual é muito poderoso e teria se expressado de várias formas. Mellen (1981) atribui essa força poderosa e as suas variedades de expressões ao desaparecimento do ciclo estrual como sinal de ovulação, o que afetou o comportamento sexual e social, facilitando portanto a receptividade na fêmea e a excitação no macho, que pode ser alcançada em qualquer tempo e em qualquer situação. *“O significado disto é que a perda do estrus é uma mudança que parece ter iniciado no estágio da evolução dos primatas pré-humanos”* (Mellen, 1981, p.109), caracterizando-se assim que esses “seres” não necessitariam mais de um período específico para a reprodução. A receptividade sexual feminina e a excitação masculina poderiam ser obtidos a qualquer momento.

Com essa mudança, as fêmeas protohumanas e humanas se tornam mais acessíveis continuamente, o que veio a facilitar o estabelecimento de uma ligação mais duradoura, de modo a incluir um vínculo emocional preferencial que durava anos entre o macho e uma ou mais fêmeas com quem ele compartilhava na comunidade.

*“O estrus, ou o período do “ardor” feminino foi substituído pela atividade sexual contínua. Copulação é iniciada não pela resposta ao sinal do estrus convencional dos primatas, tais como mudanças ao longo dos órgãos sexuais e liberação dos feromomas, mas pela extensa estimulação mútua dos parceiros”* (Wilson, 1981, p.547).

Evidencia-se assim que a seleção natural<sup>6</sup> é tida como favorecedora de sentimentos tais como o aumento de desejo sexual e de vínculo pessoal pelo macho e dependência da prote-

ção e cuidado do macho pela fêmea, assim como sua consumação, até que tais tendências se tornassem gerais e intensas entre alguns indivíduos, sempre, porém, permeadas pela evolução cultural que, certamente, reforçou tal desenvolvimento.

Os seres humanos possuem uma variedade de comportamentos, e até no instinto materno há muitas diferenças entre os indivíduos, como, por exemplo, algumas mulheres perfeitamente normais e que são mães, porém não experenciam todos os sentimentos comumente associados à maternidade. Mellen (1981) sugere que os tipos distintos de sentimento maternal, são biologicamente determinados por uma formação complexa proveniente não apenas de um único gene, mas de um número de genes que podem estar separados, reunidos ou através de uma combinação.

Há mulheres que indicam uma propensão de revelar a sua emoção maternal através de uma visível resposta prazerosa para um bebê de outra mulher, um pronto interesse por qualquer criatura que esteja fraca ou sofrendo ou então necessitada, e existem mulheres que praticam o infanticídio em certas sociedades, o que apresenta uma certa disparidade. No entanto, a explicação para o infanticídio não é necessariamente um sinal de falta de amor materno, mas pode resultar de um interesse interno da mãe pelas necessidades de diversas crianças já vivas e crescendo, em detrimento de crianças não aptas para a sobrevivência, por não poderem ser cuidadas adequadamente e, assim, comprometendo a manutenção da espécie. Tal ato implica na hipótese de uma mínima tendência materna universal nas mulheres, conduzindo a uma reinterpretação sobre o fenômeno do infanticídio, que os etnógrafos reportavam como praticados em certas sociedades. No Pliopleistoceno, este fenômeno pode ser interpre-

<sup>6</sup> Darwin desenvolveu uma teoria, na qual estabelece em dois tipos a escolha sexual: em seleção intrasexual e seleção “epigâmica”. A seleção intrasexual é resultante da competição entre membros do mesmo sexo, ou seja, os machos tendem a competir entre si pela atenção e pela oportunidade de reprodução com a fêmea, enquanto que a segunda é proveniente do fato de mulheres fazerem suas escolhas sobre quais membros do sexo oposto elas preferem para ser responsável pela sua prole. A soma destes dois aspectos constitui o que se chama de “seleção sexual”.



tado favoravelmente através do critério de seleção natural, porque é resultante de uma rede salvadora das vidas das crianças.

Este infanticídio é visto no sentido de proteção às outras crianças. Com o novo bebê, a mãe iria se dividir a tal ponto que não conseguiria dar conta dos outros já existentes. Isto seria visto como uma forma de amor para com a sua prole já estabelecida.

Os bebês humanos possuem faces expressivas e seus primeiros sorrisos são interpretados pelos etologistas como uma adaptação que tem a função de atrair a atenção da mãe e estimular seu interesse e afeição. Estes oferecem uma quantidade de evidências empíricas, demonstrando que as adaptações filogenéticas da relação mãe-filho podem contribuir para se compreender de forma mais profunda a formação do vínculo emocional. Os bebês humanos possuem como características a cabeça grande em relação ao tronco, testa alta e saliente, bochechas insufladas, extremidades pequenas e arredondadas e boca com perfil de "sucção". Estas são objetos-estímulos desencadeadores de respostas afetuosas pelos adultos. O esfregar da boca é outro exemplo. Eibl-Eibesfeldt (1977) relata, ao estudar as relações das mulheres "Waikas" com seus filhos, que estas soavam bem próximo da boca deles, assim como esfregavam seus narizes com os deles para que estes se alegrassem, o que ele chamou de "beijo afetoso". Em sua interpretação, isto seria a origem do beijo, como uma função primitiva do ato de alimentar, além da troca de carinho, pois a *"alimentação boca a boca entre mãe e filho, enquanto pequeno, é praticado nos mais diversos tipos de cultura"* (p. 180).

Há uma grande evidência de que uma criança está apta a sofrer um enfraquecimento duradouro se, em tenra idade, ela não recebe amor, carinho da mãe ou de uma figura materna, pois uma intensa interação mãe-criança durante os primeiros dois ou três anos de idade da criança é uma condição necessária para um ótimo desenvolvimento, e que se um estágio da interação é perdido por um período extenso, ou se é seriamente deficiente ou distorcido, a privação resultante é tão séria que é apta a

retardar o desenvolvimento mental da criança e pode lesar sua personalidade mais ou menos permanentemente.

As crianças também necessitam de uma interação com a figura paterna. Apesar de não haver fatos empíricos suficientes, infere-se que há indicações que a interação de uma criança com seu pai é importante principalmente num estágio posterior do desenvolvimento, possivelmente entre os 5 e 10 anos.

É observado, desde os comportamentos de animais mamíferos muito pequenos, uma sinalização de sua presença e de sua necessidade de cuidado, o que demonstra um potencial de solicitude paternal e, possivelmente, afeição por parte dos adultos da mesma espécie.

Nos primórdios de uma afeição paternal real, há também o desenvolvimento intenso de uma seleção natural, onde as crianças de um grupo teriam grande chance de sobrevivência quando tinham apoio emocional e a proteção de um macho adulto assim como cuidado maternal. Aqui, também, a evolução cultural teve uma importante contribuição.

O amor paterno, embora usualmente poderoso, parece ser diferente em diversas maneiras do amor materno. É provavelmente menos universal, não é físico ou sensual como o materno. Embora seja usualmente acompanhado por um senso de responsabilidade, é menos contínuo, não sendo necessária a sua exposição todos os dias.

Há ainda algumas diferenças entre os amores materno e paterno que podem ser notadas na linha evolucionária: o amor do pai por seu filho tem uma história evolucionária muito menor do que o da mãe, assim como diferente. Ele é desconhecido entre os mamíferos inferiores; seus antecedentes aparecem principalmente em alguns dos primatas não humanos, onde o macho adulto assume uma responsabilidade generalizada em relação a todos os jovens animais. Mellen (1981) assinala que no estágio dos caça-coleta do período plio-pleistocênico é o início provável da afeição paterna, pois *"basicamente deve ter dado a eles um adicional sentido de segurança — segurança de estar alimentado, e segurança contra os perigos dos*

*animais de grande porte o que excedia os poderes da mãe” (p.131).*

Em nosso mundo, há um outro fenômeno que parece ocorrer quase que regularmente: aquele onde os adolescentes rompem com a autoridade dos pais. Isso é comum em pessoas muito jovens, especialmente em garotos e rapazes, com o intuito de se afirmar contra a autoridade dos pais, especialmente a do pai, podendo possivelmente refletir predisposições genéticas. Nos garotos e rapazes pode estar associado à níveis crescentes de sexualidade, agressividade e competitividade.

Portanto, na discussão do amor entre pais e filhos, a atenção foi focalizada no componente genético. Porém, todas as culturas também contribuíram substancialmente, não só em transmitir informações consideradas úteis para com o cuidado, a proteção e o desenvolvimento das crianças, mas também em estabelecer normas sociais e, eventualmente, prover assistência para as crianças necessitadas. Todavia, tais construções culturais parecem ser essencialmente reforçadas ou suplementadas, sendo razoável supor que foram fáceis de estabelecer, porque elas concordavam com um complexo de tendências emocionais geneticamente desenvolvidas.

Embora muitas pesquisas tenham sido feitas sobre muitos assuntos, não tem havido muito progresso no que diz respeito ao amor entre homens e mulheres, quanto à sua origem. Existem várias informações derivadas da experiência pessoal, da observação pessoal e da literatura, há poucas informações quantitativas sobre a frequência, duração e correlação dos estados emocionais nos quais homens e mulheres regularmente experienciam o amor em estágios sucessivos em suas vidas.

Uma das causas de tal falta de informação quantitativa é a enorme variação e plasticidade nos indivíduos. Graças à plasticidade, alguns dos mais familiares padrões de amor entre uma mulher e um homem são altamente influenciados por fatores culturais, isto é, são ditados pelas percepções e normas sociais de um lugar e de um tempo em particular, e condicionados pelas tradições e modelos de uma cultura

em particular. Tais circunstâncias tornam difícil identificar com certeza os fatores genéticos cuja evolução seria interessante explorar.

De acordo com um estudo de E. Westermarck (1922), sobre o amor em sociedades mais primitivas nas Américas, na Austrália, África, Índia, Indonésia e ilhas do Pacífico, há existência de vínculos emocionais entre homens e mulheres nestas sociedades, variando da afeição conjugal estabelecida até a paixão suicida.

Um ponto a ser discutido é aquele que diz respeito ao tipo de amor. Dentro da totalidade das culturas antigas e contemporâneas, há algumas em que a existência do amor ardente é tido como bastante raro, possivelmente não existente, e mesmo nas quais ele é observado, não é universal. Ao contrário, o caso do “casamento por amor” nem sempre é tido como padrão que prevalece, e em muitas sociedades, antigas ou atuais, talvez na maioria delas, é dada a preferência a outros critérios para a formação de vínculo.

Na tendência de um homem e uma mulher se amarem há algumas falhas, em que, em alguns casos, a afeição conjugal pode se desenvolver em casamentos inicialmente sem amor; em outros, um caso de amor pode ocorrer fora do casamento, e ainda em outros podem haver tendências emocionais válidas que simplesmente não alcançam o preenchimento, a completude.

Contudo, uma coisa é certa: a predisposição para o amor é abrangente, a maioria dos homens e mulheres nascem com uma capacidade genética e uma necessidade para formar vínculos duradouros de caráter emocional. Uma maioria considerável possui a propensão para sustentar o amor. Em alguns, a necessidade de amor é compulsiva; eles devem ter sempre um relacionamento emocional contínuo com alguma pessoa do sexo oposto, não podendo progredir sem tal relacionamento.

Recapitulando, a explicação evolucionária é esta: nossos ancestrais adquirem tendências a formar vínculos emocionais entre um macho e uma ou mais fêmeas com a finalidade de prover alimentação e proteção durante vários anos para suas crianças excepcionalmente indefesas.

Apesar das discussões acerca de tal sentimento, nas quais são levadas em conta características que fazem os seres humanos os mais atraentes tais como acessibilidade da fêmea, tamanho do pênis e orgasmo, a conclusão que se chega é que sob condições estáveis, cada espécie é atraente o suficiente para tornar a reprodução assegurada. A grande expansão ou enriquecimento dos impulsos reprodutivos em humanos é a evolução de uma tendência na maioria dos homens e mulheres de amar um ao outro — mais precisamente, a tendência de um homem em particular e uma mulher em particular de amar um ao outro por um período de tempo.

A nível de seres humanos, o relacionamento deve ser um relacionamento seletivo. Apesar da maleabilidade e da longevidade humanas, homens e mulheres são tão mais psicologicamente complexos do que outros animais, e suas necessidades individuais e idiossincrasias são tão numerosas, que para muitos deles é de fato difícil encontrar alguém com quem possa compartilhar um amor profundo e duradouro.

Para muitas pessoas, talvez a maioria delas, há a descoberta na adolescência de uma estranha e doce euforia associada à mera presença de uma moça ou rapaz em particular, e incontáveis vezes, mais tarde, uma excitação ao se encontrarem próximas de uma mulher ou homem atraente. Tentando descrever estas sensações, as pessoas às vezes falam de vibrações, radiações, eletricidade, e até mesmo de alterações bioquímicas que nós denominamos de comportamentos viscerais-autônômicos, respostas estas que foram a via de acesso para a Psicologia experimental estudar as emoções.

O que acontece realmente é que, após a puberdade, os hormônios que geram inclinações reprodutórias percorrem o sistema em volumes crescentes quando eliciados por um estímulo apropriado.

Quando duas pessoas se apaixonam, o mesmo processo fisiológico está funcionando numa escala maciça. Em adição, capacidades psicológicas humanas vitalmente importantes entram nesta operação. Superpostos a tudo isso, fatores culturais e ambientais enxertam suas influências poderosas; em parte, eles fornecem modelos normativos e tradicionais de sentimentos, que podem ir de cruzeza à delicadeza extrema, da mediocridade emocional à paixão intensa.

O amor entre homem e mulher tal como é visto na civilização ocidental atual não é simplesmente um fenômeno local, posto que foi encontrado nas civilizações antigas e em outras culturas. Isso permite concluir que as premissas básicas de machos e fêmeas em formar um vínculo emocional faz geneticamente parte do ser humano, sendo reforçado pela evolução cultural.

Deste modo, a partir da análise do comportamento dos ancestrais do homem, assim como sua filogênese, pode-se ver que a seleção feita por meio de trazer alimentação à comunidade denota um certo estado de consciência, aliado às faculdades de memória e imaginário visual (necessário para caça com sucesso), na medida em que a própria dieta alimentar associava-se com a diminuição na frequência de saídas, que mantinham o homem primitivo distante de suas comunidades básicas, fazendo-o agora permanecer mais tempo próximo à sua comunidade. Considerando que o homem tendeu para a formação de vínculos, em que pai e mãe empenhavam-se na proteção de suas crias, dado que a relação homem-mulher transcendeu ao simples compartilhar, na medida em que havia diversas formas de atração, admitimos que os estudos desenvolvidos com o decorrer do tempo apresentam uma certa legitimidade, nos permitindo inferir que os aspectos acima expostos, podem ser considerados a origem do amor.

## **Referências Bibliográficas**

- Bowlby, J.. **Apego**. vol I da trilogia Apego, Separação e Perda. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- Darwin, Charles. **A Origem do Homem e seleção sexual**. São Paulo: Hemus, 1974.
- de Rougemont, Denis. **O Amor e o Ocidente**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- Eibl-Eibesfeldt, Irenäus. **Amor e Ódio**. Lisboa: Bertrand/Teorema, 1977.
- Harlow, H.F. e Suomi, S.J. Nature of Love — Simplified. **American Psychologist**, vol. 25, no 1, 161-168, 1970
- Isaac, G. e McCown, E. R. **Humans Origins**. Califórnia: Menlo Park, 1976.
- Leakey, Richard E. **A Evolução da Humanidade**. Tradução: Norma Teles. 2 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1981.
- Mellen, S. L.W. **The Evolution of Love**. Oxford: W.H.Freeman and Company, 1981.
- Schopenhauer, A. **Metafísica do Amor** [Cadernos Culturais]. Lisboa: Inquérito, s/d.
- Westermarck, E. **The History of Human Marriage**, 5 ed. New York: Allerton, 1922.
- Wilson, Edward O. **Sociobiology, the new synthesis**. New York: Harvard University Press, 1977.